



Garra de Pantera: os negros nos quadrinhos de super-herói dos EUA

Panther Claw: blacks in the U.S. superhero comics

Sávio Queiroz Lima

Graduado em História, licenciatura e bacharelado, pela Universidade Católica do Salvador

Resumo:

Através de uma básica construção cronológica da produção e da edição de quadrinhos norte-americanos dos anos 1960 em diante, o artigo fundamenta a análise sobre os super-heróis negros no século XX. Para tanto, o artigo elabora uma rede de relações entre a realidade histórica e a historicidade literária dessa produção mercadológica. O artigo buscou na produção mais significativa, a que extrapolou o mercado meramente local e alcançou mais abrangência, para estudar super-heróis negros e as relações dos mesmos com o momento histórico, cultural, social e político que a comunidade afro-descendente norte-americana vivenciou. Com o destaque metodológico sobre alguns produtos, personagens, como Pantera Negra, Tempestade, Luke Cage e outros, o artigo compreende a importância desses personagens como construções sócio-culturais de cada época observada. Através da passagem do tempo e das mudanças observadas, percebe-se as alterações e permissões que as estruturas mentais exerceram na fundamentação e na apropriação dos super-heróis de fenótipo de origem africana e afro-americana.

Palavras-chave: História. História em Quadrinhos. Política. Ideologia.

Abstract:

Through a basic chronological construction of the production and editing of American comics of the 1960s and forward, the article studies black superheroes in the 20th century. Thus, the paper develops a network of relations between historical reality and literary historicity of this marketing production. The paper focused on the most significant production, which went beyond the purely local market and achieved more scope, to study black superheroes and their relationships with the same historical, cultural, social and political time the African-American community has experienced. With the methodological emphasis on some products, characters, such as Black Panther, Storm, Luke Cage and others, the article understands the importance of these characters as socio-cultural constructions of each observed age. Through the passage of time and the changes observed we perceive changes and permits that the mental structures exercised in the grounds of the super-beings with the phenotype of African and African-American origin.

Key words: History. Comics. Politics. Ideology.

Nascedouro e Pantera

Contando tudo após a grande explosão criativa de super-heróis dos anos 1940, inaugurado com a explosão do planeta Krypton, não teremos uma participação muito significativa de personagens negros nos quadrinhos de super-heróis da Era de Ouro. Anterior a esse período, na convenção histórica que podemos chamar de “Era da Aventura”, os personagens negros apenas tinham atuação em pano de fundo ou como ajudantes de personagens brancos. Com a Segunda Guerra Mundial, um grupo formado por jovens ajudantes de super-heróis, os sidekicks, apresentou em sua formação um garoto negro, *Whitewash*, na revista *Young Allies*,¹ de 1941, mas o mesmo não passava de um bufão que tinha por função arrecadar risadas, situação que o cinema norte-americano já experimentara não somente com personagens negros, mas também asiáticos. O personagem Ebony White, de Will Eisner, na série policial *The Spirit*, também mantinha a mesma função.

O primeiro super-herói negro, na convenção mais usual – já que corresponderia muito mais ao gênero de aventura característico da Hora da Aventura, como já foi caracterizado, como Mandrake e Fantasma – é Waku, *Prince of the Bantu*, que atuava na série em quadrinhos *Jungle Tales*, pela *Marvel Comics*, ainda chamada *Atlas Comics*, entre setembro de 1954 e setembro de 1955. Quando o gênero super-herói caiu nos anos 1950, devido aos dois golpes que foram o Macartismo e a perseguição praticamente inquisitória de Wertham, a revista *Dell Comics*, de publicação da *Dell Publishing*, trazia em suas histórias um personagem afro-americano chamado Lobo, em aventuras no Velho Oeste.

Foi somente nos anos 1960 que personagens negros obtiveram um destaque mais respeitoso, inicialmente com o membro da *Howling Commandos* do Sargento Fury, Gabe Jones, em 1963, e, em seguida, com o emblemático Pantera Negra, personagem da *Marvel Comics* criado por Stan Lee e Jack Kirby. O Pantera Negra é o primeiro super-herói negro a ganhar destaque dentro desse gênero literário de quadrinhos de super-heróis, não sendo compreendido o primeiro super-herói negro na história dos quadrinhos. Sua primeira aparição foi na revista *Fantastic Four*, da editora Marvel, em julho de 1966, curiosamente três meses antes da fundação oficial do Partido dos Panteras Negras (*Black Panther party*), movimento étnico-político de luta pela igualdade na América do Norte. O surgimento desse personagem no ano de 1966, por criativos criadores nova-iorquinos, provavelmente evidencia que a movimentação do Partido dos Panteras Negras – mesmo que sua fundação oficial tenha sido na Califórnia, isto é, do outro lado do país – já era inegavelmente significativo antes de sua oficialização nos meios legais dentro do corpo político dos Estados Unidos de então, principalmente, na cidade de Nova York. O patrulhamento de subúrbios contra a violência policial já espalhara seu nome, “Panteras Negras”, antes mesmo de outubro de 1966.

O nome *Black Panther*, entretanto, já era conhecido da história norte-americana, pois havia sido usado na Segunda Guerra Mundial. A 761st *Tank Battalion* foi uma unidade militar de infantaria que era formada em suas vastas fileiras de soldados afro-americanos, além de alguns

¹ Série lançada pela *Timely Comics*, futura *Marvel*, em 1941, com um grupo de super-heróis mirins, formado pelos *sidekicks* dos personagens principais da editora na época. A *DC Comics* lançou um supergrupo com o mesmo nome, *Young Allies*, em janeiro de 1989, na revista *Young All-Stars* de número 22.

poucos oficiais, todos hierarquicamente subordinados a oficiais brancos, proibidos por uma lei Federal de lutarem em tropas de homens brancos. Por conta dessa segregação étnica-fenotípica, o emblema dessa força militar era um vigoroso brasão com a cabeça furiosa de uma pantera negra sobre a inscrição “*come out fighting*”, algo como “sair lutando”, numa tradução mais rude e direta, em atividade entre abril de 1942 e junho de 1946, a unidade foi treinada em *Camp Clainborne*, na Lousiana, nos seus primeiros meses, e no Forte Hood, no Texas. Efetivada em campo de batalha, atuou em combates na Inglaterra e na França, chegando a fazer parte dos planos estratégicos do General George Patton, emblemático militar norte-americano.²



Figuras 1 e 2, imagem da tropa e brasão
 Fonte: <http://www.761st.com/>

O Partido dos Panteras Negras, anteriormente Partido dos Panteras Negras para Auto-Defesa, *Black Panther Party for Self-Defense*, de ideologia política marxista, tinha como objetivos fundamentais, entre tantos, a contemplação de um poder negro, o “*Black Power*”,³ e a defesa da sociedade afro-americana dos problemas sociais e embates com a polícia na década de 1960. Um ano após sua oficialização enquanto partido político, foi lançado o jornal *The Black Panther*, alcançando, junto com o próprio partido, sua expansão no território americano. Com a formulação de um documento de título “*Land, Bread, Housing, Education, Clothing, Justice and Peace*”, o partido estipulou uma série de demandas que, inclusive, fomentaram a cisão do partido entre uma parcela mais radical que defendia a luta armada e uma parcela mais moderadora que procurava nos meios legais a construção de metas para efetivar a igualdade racial em meios políticos e jurídicos. Com acusações diversas de participações em crimes de alguns membros do partido, entre choques internos e externos, o Partido dos Panteras Negras atravessou uma revoltosa década de 1970,

² Cf. JOHNSON, Ollie A. Explicando a extinção do Partido dos Panteras Negras. *Caderno CRH*, Salvador, n. 35, p. 93-125, jan./jun. 2002.

³ Influência direta de diversos discursos sobre reação política étnica, alcunhado Movimento *Black Power*, com sua força mais expressiva entre o fim dos anos 1960 e boa parte da década de 1970 nos Estados Unidos da América, sendo muito mais uma expressão cultural e de conduta que uma organização política. O que se firmou enquanto Revolução *Black Power* foi um movimento sócio-político que ganhou força na nação caribenha de Trinidad e Tobago, fronteira com a Venezuela, contra a desigualdade racial e a transferência do poder político ao povo afro-descendente.

encontrando seu esfriamento político-militante nos anos 1980.

O cenário político nos Estados Unidos da América, principalmente quando o assunto é discriminação de negros na sociedade, já ganhara diversos debates e reflexões, principalmente na segunda metade do século XX. É compreensível que o Partido dos Panteras Negras tenha sido tão efetivo nas ações e tão rico no discurso, tendo em vista suas duas e importantes influências mais contemporâneas: Martin Luther King Jr. e Malcolm X⁴. Eram dois extremos, tanto ideologicamente quanto na prática social e política, mesmo que buscassem os mesmos fins. Enquanto o ministro da igreja batista Martin Luther King Jr., o mais jovem ganhador do Prêmio Nobel da Paz, em 1964, com seus trabalhos sobre discriminação e segregação racial, combatidos pela desobediência civil e outros meios não violentos, buscava em suas estratégias pacíficas encontrar aquilo que ele, em discurso, chamou de “sonho”, a convivência harmoniosa entre brancos e negros, numa outra posição estava Malcolm X, que se chamava Malcolm Little, mas repudiou seu nome de origem inglesa como negação à dominação branca através do sobrenome de seus senhores, passado aos seus antepassados escravos, com um histórico muito mais traumático, perdendo o pai, membro da UNIA (*Universal Negro Improvement Association*), assassinado, e a mãe, que, mesmo com a pele mais clara, criou com muita dificuldade seus oito filhos, de tamanha pressão, perdendo-os para a adoção. Dessa forma, é fato que seu combate seja muito mais radical na busca da supremacia negra às custas de métodos violentos.

Esses dois extremos, dentro da mitologia dos quadrinhos de Super-heróis, podem ser experimentados ficcionalmente nos quadrinhos dos X-Men, com o embate entre o Professor Charles Xavier e seu “sonho” de harmonia entre seres humanos convencionais e seres humanos mutantes e Erik Magnus Lehnsherr, o Magneto, e sua cruzada de revanchismo e dominação da raça humana convencional pelos mutantes. Na vida real, Luther King Jr. e Malcolm X nunca se confrontaram antagonicamente, mas suas propostas claramente os distanciavam em métodos.

O Super-herói Pantera Negra não poderia hastear a bandeira da violência como mecanismo de reparação e reivindicação, coisa que a grande maioria dos personagens já dispensara, ficara na Era de Ouro, não correspondia ao “modo Marvel” de fazer personagens nos anos 1960. Mas, também, não levantou nenhuma bandeira ideológica de combate a desigualdades étnicas nas suas primeiras aventuras. Seu amadurecimento político valeu-se dos anos de sua existência, tendo pregado muitos ideais nos anos 1970 e 1980. Os personagens assimilaram com facilidade muitos preceitos do ativismo em direitos humanos nos anos 1960, buscaram, na passagem da Era de Ouro para a Era de Prata, corresponder aos conceitos de moral e ética da segunda metade do século XX. Dessa forma, o Pantera Negra torna-se um vanguardista, quando teremos um supertipo muito mais dinâmico e explicitamente mais “*black power*”, pelo menos no ponto de vista de então.

⁴ São, ambos, importantes personagens da história estadunidense. Martin Luther King Jr., doutor em teologia e pastor, tornou-se personalidade conhecida pelo seu ativismo pacífico, de discurso abrandado pelo desejo de igualdades de direito entre negros e brancos, em favor dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Malcolm Little, automeado Malcolm X, adquiriu fama com seus discursos radicais e violentos, carregados de interpretações próprias de tendência marxista e de pregação muçulmana, tendo a Organização da União Afro-Americana, assumidamente pan-africanista, sua base.

Tchalla, o Pantera Negra, enfrentou, por praticamente 11 anos, a luta pela respeitabilidade para ter sua revista solo lançada, entre janeiro de 1977 e março de 1979, após diversas aparições esporádicas em outros títulos, e experimentou uma série em *Jungle Action* de setembro de 1973 até novembro de 1976. Os anos 1970 apresentaram outros personagens negros com um relativo destaque, como Luke Cage, na editora Marvel, e Raio Negro, na editora DC, mostrando nas revistas em quadrinhos as reviravoltas da contra-cultura norte-americana, como veremos adiante.



Figura 3: Páginas da Revista Black Panther # 1, de 2010

Em sua primeira aparição T'Challa, o Pantera Negra, viajou da fictícia cidade africana de Wakanda até Nova York para pedir auxílio do Quarteto Fantástico, titulares da revista em questão, para enfrentar violentos exploradores que invadiram seu reino em busca de minas de um raro metal na mitologia Marvel: o vibranium. Era justamente esse metal um dos compostos da liga metálica que forma o escudo virtualmente indestrutível do Capitão América. Seu uniforme de Pantera Negra é também feito desse metal, possibilitando absorção de som e impacto com naturalidade. O metal é produto fundamental do enriquecimento do reino de Wakanda.

O Título de Pantera Negra é passado de pai para filho, na tradição do reino de Wakanda, através de uma série de testes e provações para sua legitimação. Utilizando-se de uma poção misteriosa, tradicionalmente administrada aos futuros reis quando os mesmos são muito jovens, o

“espírito da pantera” é transmitido para o avatar humano, gerando-lhe força e agilidade super-humanas. Mais ainda que outros personagens vinculados a animais e suas forças naturais, Tchalla, ou melhor, o Pantera Negra, é o super-herói mais totêmico.

Recentemente, a partir de fevereiro de 2005, Tchalla sofreu uma reformulação em sua mitologia interna, de seu próprio contexto ao universo Marvel por completo, que deixou alguns pré-conceitos de fora, fazendo o personagem não só se equiparar conceitualmente a outros personagens da editora, como seu embate vitorioso contra o Capitão América numa pitoresca situação, enfrentamento de diversos vilões de peso solitariamente, como apresentar uma visão de África muito mais próxima da real, nem desmerecida como outrora fora, nem idealizada. Podemos dizer que o Pantera Negra enfrenta muito mais dificuldades (e ainda enfrenta e tem vencido muitas) do que seus irmãos super-heróis de outras etnias, pois além de super-vilões, o Pantera Negra luta pela igualdade e pelo respeito do negro nos quadrinhos de super-heróis americanos.

“Iansã” dos Quadrinhos

A História da ocupação da representação étnica, ocidentalmente necessária afro-fenotípica, seguiu de forma gradativa, durante os anos da segunda metade do século em questão. Continuando a saga dos super-heróis negros nos quadrinhos norte-americanos, já que questões de proliferação e mercadológicas destacaram esse mercado dos EUA, assim como os anos 1960 (ou pelo menos uma dada parcela deles) foram o período modificador de conceitos de moral, ética, popularidade e respeito, um verdadeiro estopim, os anos 1970 serviram efetivamente como palco de nascimento e atuação de uma infinidade de personagens do gênero super-herói, inclusive uma significativa parcela de super-heróis negros. Era um incêndio que não poderia ser contido e que expressava o que estava mudando no mundo, até então, mostrando que a Era de Prata seguia muito mais próxima de uma representação do habitual real que vivia a sociedade ocidental capitalista, aproximando-se daquilo que seguia a humanidade quando o assunto era segregação racial.

Tornou-se expressiva a presença de homens e mulheres negros nos formados grupos de supersujeitos que fecundaram os anos 1960 e se fortaleceram nos anos 1970, remodelados ou reformulados para atender as demandas desses novos tempos. Tanto a Liga da Justiça (da editora *DC comics*) quanto os Vingadores (da editora *Marvel Comics*), importantes grupos de super-heróis da Era de Prata, apresentariam um significativo, porém não tão enérgico, número de personagens negros, como Raio Negro e Golias (Bill Foster), respectivamente. Alguns entusiastas, incluindo até mesmo autores de quadrinhos, como Darwyn Cooke, consideram o personagem marciano J’onn J’onzz, conhecido nos EUA como *Martian Manhunter*⁵, mas aqui no Brasil inicialmente chamado de Ajax – o Marciano, como um alienígena de traços étnicos de um homem negro até mesmo para se falar da xenofobia e da visão do outro como estrangeiro, um estranho no ninho. Na página do

⁵ O personagem foi lançado, pela primeira vez, na revista *Detective Comics* 225 em novembro de 1955. Mas sua importância no texto remete ao seu apogeu enquanto personagem na formação da Liga da Justiça de *The Brave and The Bold* 28, de fevereiro (ou março, segundo algumas informações) de 1960. J’onn J’onzz é um marciano trazido à terra já adulto por um acidente, o que faz com que sua relação com a humanidade seja bem diferente do Super-homem que aqui chegou ainda bebê. Ela é um eterno estrangeiro na Terra.

museu do super-herói negro, ele está presente, fortalecendo a percepção de que o personagem levanta a bandeira étnica, mesmo sendo verde (o mesmo acontece com Visão⁶, personagem da Marvel, um robô, que para alguns possui traços igualmente marcantes para considera-lo no hall de super-heróis negros pelo museu).

A contracultura⁷ e toda a pretensa luta ideológica de liberdade que tomava o terreno dos Estados Unidos de então serviu de trampolim para as mudanças temáticas e visuais de alguns personagens, mesmo que isso ocorresse esperadamente muito mais no visual e atitude do que no conceito de super-herói propriamente dito. Logo, por exemplo, o Capitão América estaria trocando o seu companheiro mirim dos anos 1940, o Bucky, considerado morto no fim da Segunda Guerra Mundial, o que causou profundo ressentimento de Steve Rogers (O Capitão América) e o enriqueceu com um peso emocional de saudosismo e culpa, por uma amizade e parceria no combate ao crime com um super-herói negro oriundo do bairro suburbano do Harlem, em Nova York: O Falcão. Amizade muito mais madura e condizente com os acontecimentos que mais juntavam jovens e tornavam estudantes militantes de causas diversas na contracultura. O Falcão apareceu na revista *Captain America* número 117 em setembro de 1969. Essa parceria demonstrou ser saudável em diversas frentes, até mesmo na melhora conceitual do próprio Capitão América, pois este estaria aprendendo sobre os Estados Unidos tão diferentes do país que viveu na década de 1940, servindo, dessa forma, de cenário para a crítica social dos autores da série.

O Harlem também foi um belo berço de outro personagem importante para os Quadrinhos: Luke Cage. Diferente do Falcão, Luke Cage teria um início de carreira vinculado ao crime para logo em seguida enfrentar criminosos em Nova York. Porém, Luke não seria mais um bom samaritano negro a fazer parte do panteão de heróis, e sim, por um longo tempo de sua carreira de super-herói, que dura até a atualidade, foi um “super-herói de aluguel”, ganhando a vida protegendo pessoas e bairros, como foi o começo do Partido dos Panteras Negras, enfrentando vilões diversos, muitos deles vinculados ao crime organizado, tudo isso desde sua primeira aparição em *Hero for Hire 1* de 1972. Outro que negaria essa tendência tradicional super-heróica, de moral e ética de bons mocinhos seria o Blade, caçador sem piedade de vampiros e outras bizarrices sobrenaturais em plenos 1973, e que está tão ativo quanto o Luke até os dias atuais.

Mais importante que listar bons personagens (que existem até hoje nos quadrinhos e resistem às vendagens menores que outros personagens brancos ou orientais) é apresentar o quanto que essas mudanças se deram na mitologia dos Quadrinhos, principalmente quando isso serviu de liberdade a grillhões racistas, e, neste caso, machistas, quando a personagem feminina também é negra e legitimamente africana. Líder dos X-Men, Ororo Monroe, muito mais conhecida pela alcunha de *Tempestade* carrega diversas bandeiras em sua existência.

⁶ Visão foi criado para efetivar uma armadilha contra o grupo de super-heróis Marvel, os Vingadores, mas seu avançado intelecto somado à uma humanidade inesperada o fez ir contra seu criador, Ultron, e aliar-se aos maiores heróis da terra. Sua primeira aparição foi na *The Avengers 57* de 1968.

⁷ Movimento social abrangente, significativamente nos Estados Unidos, do discurso e da prática de contestação da realidade cultural, re-significando o cotidiano, comportamentos e valores. Seu auge se deu nos anos 60, tendo sido absorvido pela Indústria Cultural nos anos 70.

Sua origem, ou pelo menos os elementos de sua concepção visual, enquanto criação mercadológica se encontra, na verdade, anterior à sua primeira aparição nos quadrinhos em *Giant Size X-men 1* de 1975. Seu criador, Dave Cockrum, trabalhava para a rival da *Marvel Comics*, a *DC comics*. Nesta outra editora, revolucionou o visual dos personagens da equipe Legião dos Super-Heróis, o que lhe rendeu tamanho prestígio que os editores encomendaram uma leva de novos personagens, nascendo a ideia de “*Outsiders*”, um grupo que beirava a psicodelia⁸ característica dos anos 1970, com cores e efeitos. Entretanto, os editores acharam esses novos personagens pitorescos, tendenciosamente vinculados aos efeitos causados por drogas, e recusaram o projeto, que, posteriormente, quando Cockrum foi para a *Marvel Comics*, encontrou um novo espaço para serem aproveitados.



Figura 4: Tempestade

Fonte: <http://images5.fanpop.com/image/photos/31600000/Storm-Ororo-Munroe-wallpapers-x-men-31690247-720-489.jpg>

Nessa leva estava o proto-design de Noturno e a experimentação visual do que seria Tempestade, personagens que logo fariam parte do Panteão de grandes heróis da *Marvel*. Tempestade tem um destaque importante no seu visual. Primeiramente, na concepção visual do que seria uma personagem dissemelhante, ela possuía um vasto “*black power*”⁹ e poderes totalmente diferentes na versão idealizada para surgir em *Outsiders*. Pode-se dizer, com exatidão e segurança que ela nem era a mesma personagem que se tornaria na editora *Marvel*. Foi mesclando duas personagens de *Outsiders*, Quetzal e Typhoon, que se originou Tempestade, visualmente. Somente nos X-Men ela ganhou seus poderes que nos fariam, brasileiros baianos com um contato cultural com matrizes africanas, chama-la de Iansã dos Quadrinhos, e um visual ainda mais marcante com uma vasta cabeleira branca. Em seguida, por motivações emocionais inseridas no contexto de suas

⁸ Experiências geradas pelas alterações da consciência através de substâncias ou práticas de privações dos sentidos. Tornou-se uma linguagem visual estética bastante presente no visual dos anos 70 e nas construções audiovisuais de diversas mídias.

⁹ Corte de cabelo que valoriza o preenchimento capilar apenas ordenando seu crescimento, permitindo seu desenvolvimento natural com cuidado e higienização livres de produtos químicos danosos. Distintivo da década de 1970, o corte, também chamado de Afro Puf, voltou à moda muitas vezes e sempre esteve vinculado à valorização afro-descendente.

histórias dentro da mitologia mutante, a personagem radicalizou com um corte moicano¹⁰. Ela quebrou com correntes demais num nascimento só: É uma personagem negra; é mulher; é líder de um dos maiores grupos de super-heróis da década de 1970 e das décadas seguintes.

Ororo demonstrou ser muito além de uma simples super-heroína de quadrinhos, com seu longo histórico de presença e combatividade, sendo também uma vanguardista de bandeiras diversas a favor da igualdade étnica e de gênero. Atualmente, em 2006, ela se casou com Tchalla, o Pantera Negra, e juntos, além de ocuparem seus papéis de super-heróis, são também representantes de um governo peculiar, o de Wakanda.

Big Black Bang!

Eis que os anos 1970 apresentaram um *Big Black Bang*¹¹ de personagens negros para os quadrinhos. Mesmo que esses personagens ainda não alcançassem a fama e o público que muitos personagens brancos de antes, só o fato de boa parte deles possuir revistas próprias no mercado editorial americano já prova que não eram tão inexpressivos entre as décadas de 1970 e seguintes. Se dividirmos os leitores de quadrinhos periódicos, fãs, colecionadores ou esporádicos apreciadores dos expectadores externos, em sua grande maioria atingidos pelas mídias mais rápidas e passivas como as animações produzidas e a grande leva de imagens utilizadas, expectadores que limitam-se a poucas imagens e figuras desses desenhos e filmes, os primeiros perceberão a presença negra nos quadrinhos com muito mais convicção.

A *Marvel* deleitou-se diante dessas criações de personagens, seja num ambiente novaiorquino, seja numa África ficcional. A empresa rival, a *DC Comics*, não poderia ficar de fora dessa nova expressão cultural que lavou como maré as décadas de 1970 e 1980. Logo a DC investiria timidamente com a criação de Vykin, na revista *Forever People*, de 1971. A quantidade, a partir de então, é enorme, por mais que alguns críticos preguiçosos de adentra à pesquisa aos documentos dos quadrinhos. As fortes manifestações e as ações afirmativas do período 1960-1970 abriu uma fase cultural que valorizou o negro no cinema e nos quadrinhos. Seriados americanos cooptavam personagens negros da mesma maneiras que revistas em quadrinhos faziam, acrescentando uma singela quantidade desses personagens em grandes grupos de super-seres, como visto.

O Lanterna Verde, cargo de personagens da *DC Comics*, mais conhecido pelo representante Hal Jordan, homem caucasiano, fazendo parte da Tropa dos Lanternas Verdes, precisa encontrar um substituto para usar o anel cósmico na edição *Green Lantern* número 87 de dezembro de 1971¹². Sua escolha é John Stewart, arquiteto desempregado e militar afastado, homem negro. Como teste,

¹⁰ Esse corte de cabelo, onde uma faixa dividindo o topo da cabeça numa linha imaginária entre os olhos seria ocupada por cabelo enquanto suas laterais totalmente raspadas mostrariam o couro cabeludo desnudo é chamada dessa forma, moicano, por conta da maneira idêntica que os guerreiros dessa tribo indígena norte-americana apresentavam-se.

¹¹ Referência, muitos mais enquanto licença poética, do termo *Big Bang*, teoria cosmológica da origem material do universo, considerando seu ponto de origem através da redução de sua expansão calculada pela Física. Ainda a teoria mais aceita entre estudiosos.

¹² A revista *Green Lantern* da Segunda série, ou Volume 2, como o mais usual, quando relançada na Era de Prata com o personagem reformulado. A data da edição, provavelmente por atrasos de distribuição, também é conhecida como janeiro de 1972.

John recebeu o dever de proteger um político racista, mostrando os choques do período, fazendo de uma situação conflitante um elemento crítico. A vida desse político racista está em perigo pelo seu posicionamento e suas ações e John deveria então protegê-lo de agressores que provavelmente concordaria. John não só o protege com honradez como descobre que tudo não passava de um plano feito pelo próprio político para incriminar a comunidade negra. Os criadores do personagem disseram numa entrevista que a criação de John seguia mais uma lógica racional do que uma política liberal, porque a diversidade étnica no mundo e a maior probabilidade de um homem negro no território dos Estados Unidos fariam Jordan encontrar um afro-americano.



Figura 5: Lanterna Verde John Stewart, por Jim Lee

Fonte: <http://worldofblackheroes.files.wordpress.com/2010/06/johnstewart14.jpg>

Primeiro acerto da DC, John ficaria um bom tempo, infelizmente, como personagem secundário. Mas isso não cessou a criação de novos personagens nos anos 1980. A revista estava estreando, era a *New Teen Titans* número 1, de 1980. Silas Stone é um cientista que está trabalhando com manipulações extradimensionais, quando um acidente mutila seu próprio filho, Victor Stone. Com partes do corpo separadas e algumas até mesmo destruídas, Silas vê-se obrigado a salvar o

próprio filho acrescentando a ele partes cibernéticas, robóticas, que o transformam em Cyborg, o sofrido herói que ganhou o gosto popular rapidamente. Não há como falar sobre a série Novos Titãs, por toda a década de 1980, a década de 1990 e até mesmo hoje, sem falar de Cyborg. Mais um ponto pra DC na afirmação étnica afrodescendente.



Figuras 6 e 7: Capas de Tales of Titans: Cyborg e de Teen Titans Spotlight: Cyborg

Cyborg e o Lanterna Verde John Stewart abrilhantaram as animações da Liga da Justiça e dos Novos Titãs no fim dos anos 1990. A atual série de animação da Liga da Justiça lançada nos EUA em 2001 e sua continuação expandida, Liga da Justiça Sem Limites, em 2004, apresentam na formação principal da super-equipe uma forte participação de John, mostrando a prosperidade do personagem atualmente. Muitos, entretanto, compreendem o fato apenas como estratégia para que um negro fizesse parte das fileiras na série, o que não diminui o estrelado de John Stewart.

Os anos noventa podem ser compreendidos como “a segunda onda” não só de liberdade étnica dos personagens, mas também editorial. As editoras novas que entravam no disputadíssimo mercado anteriormente dominado pela bipolaridade entre *DC* e *Marvel*, agora muito mais pluralizado, trouxeram tendências que batiam de frente com conservadorismos diversos. A *Image Comics* estreou com *Spawn*¹³, consagrando personagem e autor como nunca. *Spawn* é a reencarnação demoníaca de Al Simmons, soldado americano negro morto por traição e que volta a

¹³ Lançado em revista própria, *Spawn* número 1, fez parte da reunião de artistas que montou a editora alternativa às duas grandes, *DC* e *Marvel Comics*, a *Image Comics*. Seu lançamento é datado em maio de 1992.

Terra para vingar-se e proteger sua família. Sucesso total que rendeu a Todd McFarlane, seu criador, a expansão rápida de sua criação mercadológica para outros ramos, como memorabilia, brinquedos e artigos diversos. Mas o mais emblemático, pelo menos no ponto de vista da luta pela afirmação étnica, é o surgimento de uma editora só de personagens negros (ou melhor, com um número muito maior de negros nas suas histórias), a *Milestone Media*. A editora pesou também uma expressiva quantidade de super-heroínas negras.

A morte do Super-homem, lançada pela *DC Comics* quando o personagem apresentou criticidade na queda de vendas, iniciada em outubro de 1992 e terminada em outubro de 1993, com a edição número 75 de *Superman*, apresentando sua derradeira morte, trouxe uma rede de intrigas e aparições de personagens que só uma estratégia de vendas bem sucedidas poderia oferecer. Dessa forma, surge John Henry Irons, engenheiro mecatrônico que, na ausência do protetor de Metrópolis, veste uma armadura avançada e, segurando uma marreta, usa o codinome de Homem de Aço¹⁴. Suas histórias envolviam tráfico de drogas e venda ilegal de armas nos subúrbios norte-americanos. O personagem passou um tempo esquecido, mas retornou com glória em 2006 em eventos especiais. Em 1997, foi lançado um filme do personagem que não lhe rendeu muito sucesso, mesmo com o enlatado astro Shaquille O'Neil atuando como John Henry Irons.

Atualmente, ocorreu de mais um super-herói negro surgir sutilmente nos cinemas. Seu nome é James Rhodes. Amigo íntimo de Tony Stark, o Homem de Ferro, Rhodes assistiu a decadência do mesmo aos planos de um inimigo ferrenho e à bebida. As empresas de Stark quase faliram e seu papel como Homem de Ferro estava insustentável com o alcoolismo¹⁵. Foi então que por um bom espaço de tempo, Rhodes foi o Homem de Ferro, mostrando sua identidade muitas edições depois. O personagem hoje é conhecido como Máquina de Combate e utiliza uma versão mais belicosa da armadura do Homem de Ferro. Se o presente leitor for ao cinema, percebe a troca de olhares de Rhodes com a armadura cinza que aparece, um sinal de uma possível adaptação dessa parte da mitologia do Homem de Ferro para os cinemas.

À medida que o tempo vai passando esses personagens vão enfrentando situações que são representações do que acontece no mundo. Enfrentam racismos em vários graus, que podem surgir de seus editores (quando não lançavam personagens negros) e de seus leitores (quando não os liam). À medida que a sociedade vai exigir uma mudança de pensamento, quando questões étnicas e de gênero se fazem presente e são exigidas suas mudanças, os quadrinhos prontamente atendem seus públicos. Listar essas quantidades de personagens, entretanto, é importante para mostrar o quão complexa é a realidade dentro das páginas dos quadrinhos, durante os anos que se passaram.

É preciso ler para se tirar conclusões, é preciso conhecer mais aquilo que irá opinar ou construir idéias isso é fato incontestável ao pesquisador que queira aprofundar questionamentos e

¹⁴ O nome original, *The Man of Steel*, logo reduzido para *Steel*, foi traduzido literalmente para aço, contrariando a lógica do “S” usado em seu peito não ser um plágio ao Super-homem mas uma homenagem. Coisa sem problema já que o personagem era da mesma editora. Criado por Louise Simonson e Jon Bogdanove, apareceu com sua armadura pela primeira vez em *Adventures of Superman* de número 500, lançada em junho de 1993.

¹⁵ Essa etapa na vida do personagem ficou conhecida aqui no Brasil como a saga “Demônio na Garrafa”, lançada em Iron Man 128 em novembro de 1979.

reflexões. Muito se foi perguntado se existiam personagens negros nos quadrinhos, onde eles estavam, por que só viam os brancos. Acredito que a raiz fundamental do problema está aí: só viam os brancos. É possível ver muitos tipos diferentes dentro do universo dos quadrinhos e o público cada vez mais, exige que esses personagens correspondam às expectativas vigentes. Enquanto reflexos de nossa sociedade, os quadrinhos, quando acusados de racistas, como aconteceu com uma das obras de Hergé, na qual o autor coloca um povo africano como mentalmente inferiorizado, nada podem fazer senão mostrar o espelho como máscara para que a imagem do acusador mostre-se definindo que o problema começa na sociedade para depois atingir seus meios de comunicação e seus produtos. Para que sejam racistas, os quadrinhos precisam de público racista.

Referências

CASTRO JR, Chico. *Patrulha Ideológica enquadra Tintim*. *Jornal A Tarde*, Salvador, 4 de agosto de 2007. Caderno Cultural, p. 6-8.

JOHNSON, Ollie A. Explicando a extinção do Partido dos Panteras Negras. *Caderno CRH*, Salvador, n. 35, p. 93-125, jan./jun. 2002.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O breve século XX (1914 – 1991)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

PATATI, Carlos e BRAGA, Flávio. *Almanaque dos Quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.